

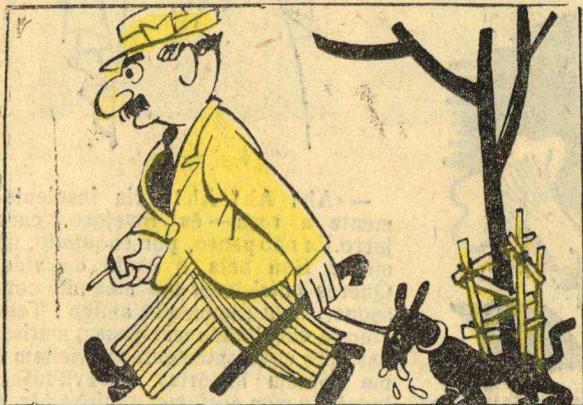
ANO XIV

Suplemento infantil do jornal

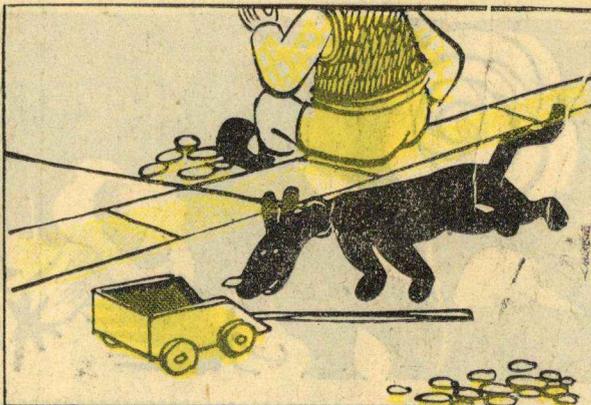
O SÉCULO

N.º 707

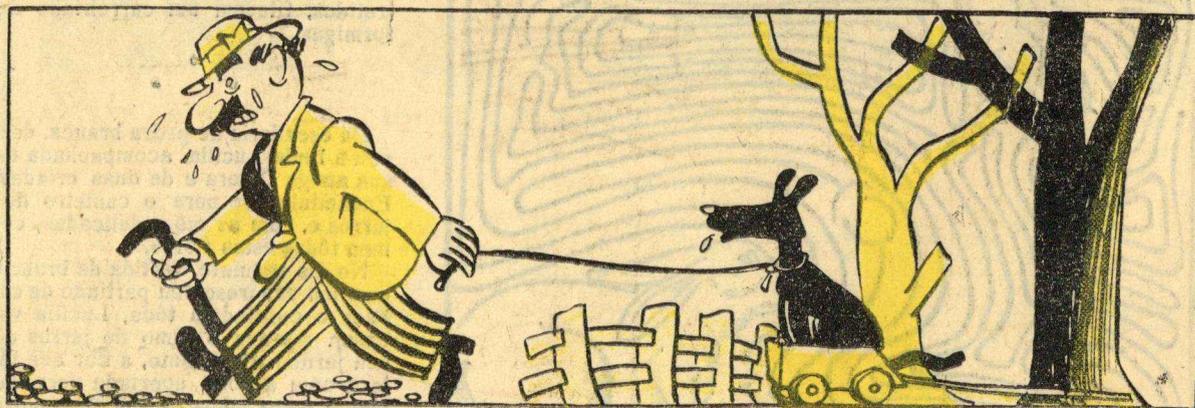
O «TÓTÓ» do JEREMIAS



I — O «Totó» do Jeremias deitava a língua de fóra, pois dava, todos os dias, um passeio duma hora.



II — Certo dia, ao ver um carro dum petiz que estava perto, o «Totó», que é muito esperto, teve um capricho bizarro.



III — Salta p'ra dentro, e, então, sereno, impávido, imóvel, tem a grata sensação de viajar de automóvel.

IV — Jeremias é que sua e, no meio do embaraço, atribui o seu cansaço às pobres pedras da rua.

O JARRO E A ROSA

Por ARLETE LOPES NAVARRO

NUM lindo jardim, uma rosa falava altivamente e num tom trocista, a um jarro, simples e modesto, que estava no seu canteiro entre os irmãos.

— «Ah! Ah! Ah!» — gargalhava ironicamente. Sou uma linda rosa vermelha, de pétalas aveludadas, cujo perfume se espalha no ar. A minha cor atrai todos os olhares. Ontem a menina Lucília, quando desceu ao jardim, ao passar por mim, ficou admirada de tanta beleza. Quiz até separar-me da roseira minha mãe, para me colocar no seu rico vestido.»

— «Pois a mim — disse o jarro, tristemente — nem sequer me destinou com um simples olhar!»

— Quando olho para ti — continuou a rosa, troçando — assim tão branca, minha pobre flôr, recordas-me o inverno, as montanhas cobertas de neve, os rios gelados, as cabeças prateadas das avôzinhas, na última estação da vida, nuvens correndo no céu, numa ameaça de tempestade! Chuva, frio e desalento.»

— «O nosso destino tem sido igual. De que serve a tua beleza, se perdes, como eu, no canteiro, sem utilidade alguma. Seremos iguais na morte. Feneceremos sob a ardência do sol. Tombaremos na terra escaldante do jardim, ressequidas. A brisa se encarregará de nos dispersar. Nada ficará de nós, nem sequer o perfume que possuis e de que tanto te orgulhas.»



— «Ah! Ah! Ah!» — ria insolentemente a rosa — és invejoso, caro jarro. Eu não penso, por enquanto, na morte. Sou bela e cheia de vida. Queres entristecer-me mas não consegues, meu desmaiado amigo! Tens ciúmes das lindas mariposas, matissadas, que constantemente me visitam e me contam histórias maravilhosas. Invejas o meu perfume, a minha cor, a admiração que causo e a simpatia que inspiro.»

O jarro calou-se, tristemente. A rosa vermelha, fitava-o, altiva e desdenhosa.

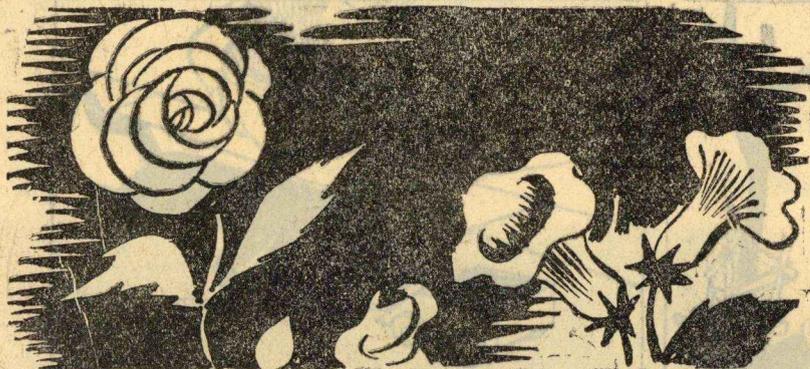
— «Somos uns abandonados!» — disse o jarro, comovido, aos irmãos que, entretidos, fitavam um carreirinho de formigas.

Da escadaria de pedra branca, desceu a linda Lucília, acompanhada da sua amiga Dinora e de duas criadas. Encaminhou-se para o canteiro dos jarros e, com as mãos delicadas, colheu tôdas estas flores.

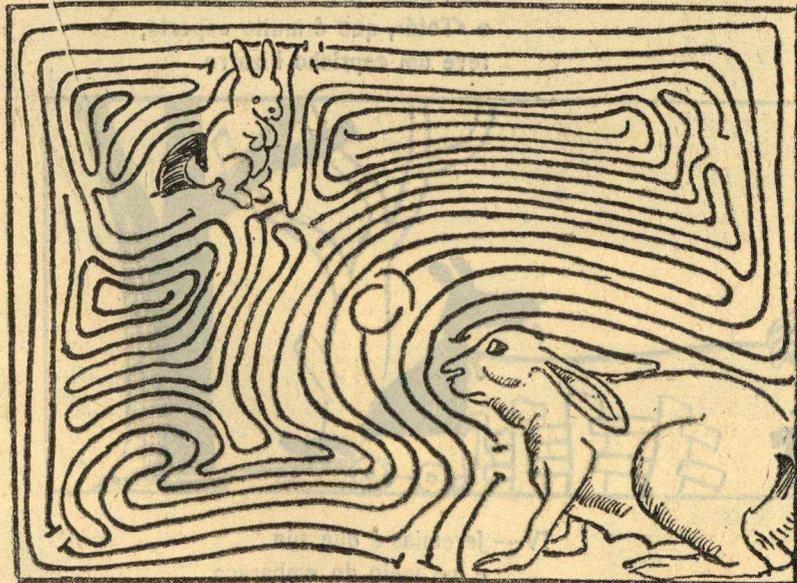
No dia seguinte, vestida de branco, com um vaporoso véu partindo da cabeça e cobrindo-a tôda, Lucília vai casar. Abraça o ramo de jarros do seu jardim. Entretanto, a flor que falara com a rosa, apertada nervosamente pelas mãos de Lucília, contra o seu peito, sente o bater apressado do seu coração, trasbordante de felicidade.

Enquanto os acordes do órgão se fazem ouvir, pela face de Lucília,

(Continua na página 7)



LABIRINTO



MEUS MENINOS: — A coelhinha que estão vendo, deixou na sua toca uma ninhada de coelhinhas que ela ainda amamenta. Receosa que algum deles fuja, quere ir ao seu encontro, o mais depressa possível, mas está hesitante sobre qual o caminho que deve seguir, sem perda de tempo. Vejam os nossos amiguinhos se descobrem qual é.



INTER * CAMBIO EPISTOLAR



Eulalia das Neves Sequeira
17 anos de idade



Marta Maria Ramos Gonçalves
13 anos de idade



Maria de Lourdes da Soledade Teixeira
12 anos de idade



Maria Luisa da Silva Coutinho Neves
11 anos de idade



Maria Isabel Zeferino
14 anos de idade



Maria Lilliano Pina Tavares da Silva
14 anos de idade



Maria José Brito Gomes
16 anos de idade



Mariette Gonçalves Neves
17 anos de idade

INSTRUÇÕES

O «Pim-Pam-Pum» deu começo a uma nova secção, que tem por finalidade estabelecer o convívio espiritual entre tôdas as meninas portuguesas que queiram comunicar umas com as outras, trocando impressões, conversando inteligentemente, através duma correspondência directa, sem a nossa intervenção, a não ser de início, pois nos caberá unicamente a tarefa preliminar de apresentar umas as outras, publicando as suas fotografias com a indicação dos respectivos nomes e das respectivas idades.

Cada menina enviar-nos-há, depois de feita a inscrição que é absolutamente gratuita, isto é: — depois de nos ter enviado o retrato, com a indicação, nas costas, do nome, da idade e da morada, — a cartinha devidamente estampilhada, dirigida à sua nova amiguinha, dentro dum outro sobrescrito endereçado ao director do «Pim-Pam-Pum», que se encarregará de a mandar deitar no correio, pondo-lhe a respectiva morada, a qual a nossa leitora terá indicado também dentro da carta para que, de futuro, se correspondam sem a nossa interferência.

RESUMINDO:

Uma menina que queira corresponder-se com uma nova amiguinha, não tem mais a fazer do que enviar-nos o seu retrato, indicando o nome, a idade e a morada respectivas e aguardar a publicação do retrato da amiguinha que lhe coube em sorte. Depois enviar-nos a primeira carta que lhe for destinada, dentro doutra que será endereçada a Redacção de «Pim-Pam-Pum», com a indicação: — *Inter-câmbio epistolar.*

À menina Eulália das Neves Sequeira coube em sorte a nova amiguinha Maria Isabel Zeferino.

À menina Maria Maria Ramos Gon-

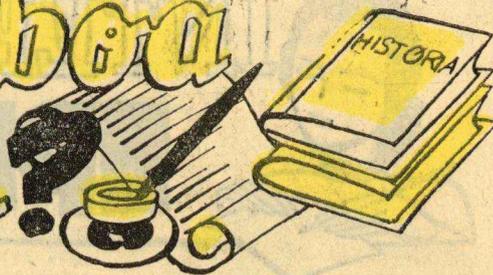
çalves corresponde a amiguinha Maria Lilliano Pina Tavares da Silva.

À menina Maria de Lourdes da Soledade Teixeira coube em sorte a

amiguinha Maria José Brito Gomes.

À menina Maria Luisa da Silva Coutinho Neves corresponde a nova amiguinha Mariette Gonçalves Neves.

Queres ter boa memória?



Por LEONOR DE CAMPOS

CARLOS — Parece que mereço que a minha Mãe me conte a tal história.

MÃE — Tudo sabido?

CARLOS — Na ponta da língua.

MÃE — Com certeza?

CARLOS — A minha Mãe sabe que nunca mintei.

MÃE — Graças a Deus! É uma das qualidades mais apreciáveis que alguém pode ter!

Vamos lá, então, à nossa história.

VIDA DE DEMÓSTENES

Era um rapaz estudioso, sim, mas tão fraquito, tão infezado que ninguém diria, ao escutar o seu primeiro discurso, que mais tarde seria considerado o maior orador da Grécia.

No dia em que se estreou como orador, pouco faltou para ser corrido à pedra. Falava sem entusiasmo, num tom de voz tão débil e com pronúncia tão defeituosa que as poucas pessoas que o ouviam — porque a maioria da gente reunida, na praça em que discursava, não fazia caso dele — riam-se e troçavam-no. E a certa altura os protestos e a gritaria subiram tão alto que Demóstenes não teve outro remédio senão retirar-se.

CARLOS — Coitado!...

MÃE — Mas ia desesperado, aflito com o fracasso. Os amigos tentavam animá-lo.

— Então, se não foi bem desta vez, na próxima será melhor — dizia um. E outro acrescentava:

— Todos nós sabemos que estudaste a valer a arte oratória. A culpa não é tua.

E despediram-se, deixando-o acobrunhado.

Mas o seu maior amigo não falou assim.

— Demóstenes — disse-lhe. — Tu sabes que o primeiro dever dum bom amigo, é ser sincero...

— Assim é! — respondeu Demóstenes.

— Então, escuta. Tu foste apupado e desconsiderado, porque o mereceste. As tuas palavras mal se ouviam. O teu gesto não correspondia ao que dizias. A tua voz nunca vibrou. Para vas para respirares, no meio duma frase, porque tens pouco fôlego. E a tua pronúncia defeituosa causou riso. É pena, porque com a tua inteligência e o talento que possues, serias um bom orador se pudesses suprimir ou atenuar os defeitos que te apontei.

— E' difícil! — exclamou Demóstenes.

— Mas não impossível. Vejamos! Recita-me alguns versos de Sófocles. Demóstenes obedeceu.

— Agora versos de Eurípedes. CARLOS — Quem eram esses homens?

MÃE — Sófocles e Eurípedes foram



grandes poetas trágicos da antiga Grécia. Mas... como ia dizendo:

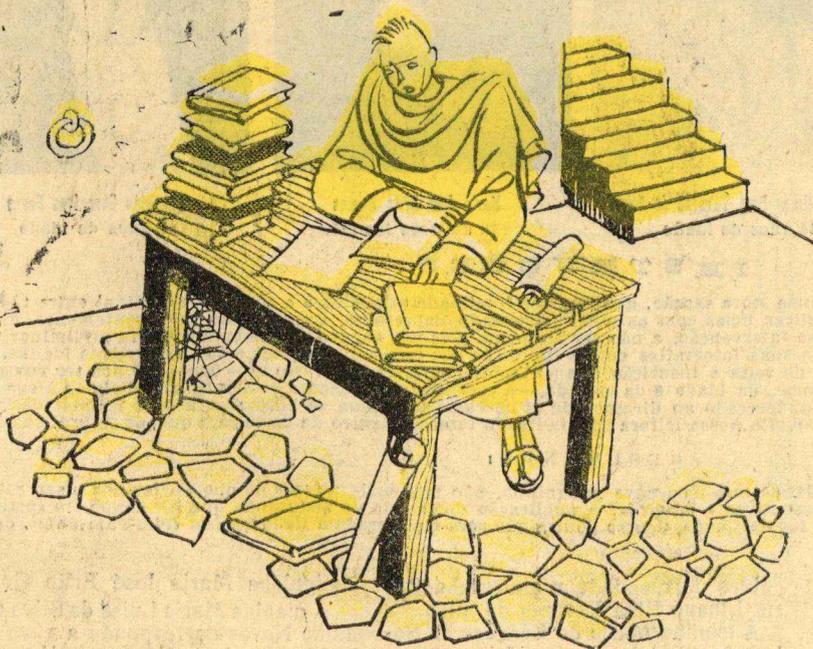
Demóstenes voltou a recitar.

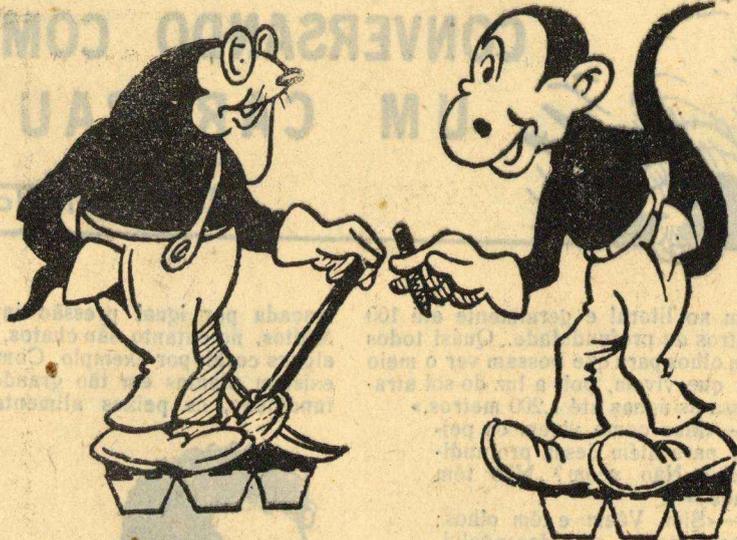
O seu amigo deixou que terminasse. Em seguida levantou-se e repetiu êle os versos que ouvira a Demóstenes. Que diferença!... Pareciam outros!... O amigo recitava maravilhosamente, acentuando as frases, o gesto apropriado, a voz ora quente e vibrante, ora suave e melodiosa.

Foi para Demóstenes uma revelação. Percebeu nesse dia que não bastava ser estudioso e culto para ser orador. Era preciso muito, muito mais...

Desde então, começou a exercitar-se nas artes de bem falar, bem recitar e bem escrever. Para isso fechou-se no sótão da sua casa, resolvido a não sair sem ter conseguido ser exímio nessas três artes.

(Continua na página 7)





UM QUEBRA CABEÇAS

POR

TAVARES PINO



